

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
3 de Junho de 2025
BILLY WOODBERRY – REALIZADOR CONVIDADO

VOYAGE EN ANGOLA / 1929

Um filme de Marcel Borle

Imagem (35 mm, preto & branco): Marcel Borle / Montagem: não identificado / Com as presenças de: William Borle, Albert Monnard, Marcel Borle.

Produção: não identificada / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, com intertítulos em francês e legendagem eletrónica em português / Duração: 76 minutos a 18 imagens por minuto / Estreia mundial: data não identificada. Primeira apresentação na Cinemateca: 6 de Setembro de 2018, no âmbito do ciclo “Homenagem a Joana Pimentel”.

Por volta de 1930, os países europeus que dispunham de colónias começaram a dar maior visibilidade às mesmas. Em 1931, foi organizada em Paris uma grande Exposição Colonial, sobre o modelo das exposições universais e a França, a Grã-Bretanha e Portugal puseram-se a fazer números especiais de atualidades e documentários - ou melhor, documentos filmados - sobre as suas colónias, cuja existência não suscitava a menor sensação de culpabilidade, além de algumas ficções. Mas pouco antes desta voga oficial, houve um célebre exemplo oficioso, **Voyage au Congo** (1927), de Marc Allégret, que acompanhara André Gide na sua viagem à África, de que resultou um livro com o mesmo título, no qual o escritor critica os abusos das companhias que exploravam os territórios coloniais, assim como o racismo sistemático da administração, causando reações virulentas em França, às quais ele respondeu com dados concretos. Como o livro de Gide, embora sem a dimensão crítica, o filme de Allégret é um caderno de viagem, de cerca de noventa minutos, que o tempo transformou num precioso documento. **Voyage en Angola** pertence à mesma categoria, pois também é um diário de viagem (“*un simple carnet de route*” é como o define um dos primeiros intertítulos) e é resultado de uma iniciativa privada e não de um órgão governamental. É preciso notar que a Suíça nunca teve colónias, o que deve ter influído no olhar dos visitantes, que não deviam ter, no mesmo grau que os colonizadores, um sentimento de posse em relação a tudo o que os cercava, nem se arriscavam a ofender os interesses comerciais do seu próprio país caso fizessem alguma crítica. O filme acabou esquecido e foi considerado desaparecido durante muito tempo, até ao dia em que alguém se lembrou de contactar a viúva de Marcel Borle, que doou à Cinemateca Suíça o material de que dispunha, que foi restaurado no laboratório da Cinemateca Portuguesa. Além do filme, Marcel Borle deixou seis cadernos manuscritos sobre esta aventura, com um meticuloso diário da viagem ilustrado (este material está disponível para consulta no Centro de Documentação desta cinemateca).

Marcel Borle e os demais participantes de **Voyage en Angola** devem ter visto o filme de Marc Allégret, pois há importantes semelhanças de concepção entre os dois filmes: a presença de mapas na abertura, para dar ao espectador uma ideia da escala da viagem empreendida - além de simplesmente mostrar onde se situa Angola - e uma narrativa estruturada. Segundo o brevíssimo genérico, **Voyage en Angola** foi resultado de uma *Missão Científica Suíça em Angola (MSSA)*, embora, a julgar pelo que vemos, esta missão tenha consistido sobretudo em caçar e empalhar animais (vemos mais de uma vez o taxidermista da equipa em ação). O facto do principal caçador se chamar Borle, como o realizador (“*o cineasta do grupo*”, diz um intertítulo) também parece indicar que se tratou de uma iniciativa privada, talvez familiar, destinada a caçar animais e imagens. Estas impressões dadas pela visão do filme são confirmadas por Marcel

Jacquat, do Museu de História Natural de La Chaux-de-Fonds, no texto de apresentação dos *carnets* de Marcel Borle: “*Projetada por Georges Hertig, médico suíço estabelecido desde 1900 na União Sul-Africana [a futura África do Sul], tratava-se à partida de uma expedição de caça, à qual foi convidado o industrial William Borle. Marcel Borle, filho de William, foi chamado de Paris, onde estudava música. Patrocinada pelo Presidente da Confederação Helvética e apoiada pelo Conselheiro Federal Giuseppe Motta, a expedição passou a ser a «Missão Científica Suíça em Angola», que teve um eco importante, tanto a nível zoológico quanto etnográfico*”. Como testemunharam os principais interessados, as autoridades portuguesas facilitaram-lhe a missão, dando as autorizações necessárias e a passagem do trio de suíços por Lisboa foi motivo de artigos em *O Século* e *De Cinema*.

Mas embora “amador”, o filme demonstra que Marcel Borle tinha muito sentido de cinema, cuja linguagem parece ter absorvido por simples assimilação, como espectador assíduo e atento que devia ser. Além de ter uma estrutura narrativa inteligível, **Voyage en Angola** é filmado com enquadramentos impecáveis e há um verdadeiro trabalho de montagem, com um uso eficaz da escala de planos, antes do surpreendente desenlace pontuado por *flashbacks*, pois no caminho de volta, “*as murmurantes ondas do mar só carregam lembranças*”. A primeira parte da narrativa sublinha a dimensão de deslocamento, através de imagens de um comboio em movimento, seguidas por outras, do porto de Lisboa, do navio e da viagem marítima, de uma duração de quinze dias. A chegada a Angola é assinalada por uma autêntica ideia de cineasta: um intertítulo com os dizeres “*a terra de Angola*” é seguido pela imagem da sombra dos ramos de uma palmeira. Como um escritor-viajante, Borle assinala a sua chegada por uma primeira observação de um elemento visual estilizado, uma elegante “frase”. A noção de um percurso preciso, sequencial, pontuado por pausas mais ou menos longas, mantém-se ao longo de todo o filme, marcado de início pela descoberta da paisagem e da fauna. Os brilhantes *travellings* a alta velocidade, em perseguição a animais (há imagens quase idênticas em **O Deserto de Angola**, fotografado por João César de Sá em 1932, disponíveis no site da Cinemateca) põem em paralelo os caçadores e o cinegrafista, que “caça” imagens inéditas. Mas apesar deste deslumbramento inicial com a fauna e contrariamente a quase todos os filmes portugueses de propaganda colonial, este caderno de viagem suíço não procura ocultar a presença dos habitantes. Como era inevitável, estes são mostrados em funções subalternas e naquilo que têm de “estranho” ou seja de específico (há até o penoso cliché sobre a “alegria” do colonizado: “*Os carregadores sorriem*”), mas fazem parte da realidade, não são ignorados. Não os vemos apenas fazer coisas, vemos também a maneira como as fazem, os gestos específicos necessários para tecer um chapéu, fincar a estaca de uma tenda ou esfolar e esvaziar um animal que vai ser empalhado. Marcel Borle tem consciência de que faz um filme sobre um percurso preciso, não um filme genérico com a pretensão de abarcar todos os aspectos de Angola em setenta minutos, ele parece saber que fez o registo de uma viagem de visitantes europeus, não um filme sobre Angola. Por isso, no desenlace são evocadas as simples “*lembranças*” que a aventura deixará nos seus participantes e que foram fixadas pela câmara, recapituladas numa série de brevíssimos *flashbacks* e no plano final, feito do navio que traz a equipa de suíços de volta à Europa, vemos o mar cortado pelo navio, o espaço infindo que separa a Europa da África. Herdeiro da literatura de viagem, **Voyage en Angola** é um diário filmado, tão revelador por aquilo que mostra como pela maneira como O mostra.

Antonio Rodrigues